ENTREVISTA/**CLIFFOR SOBEL**

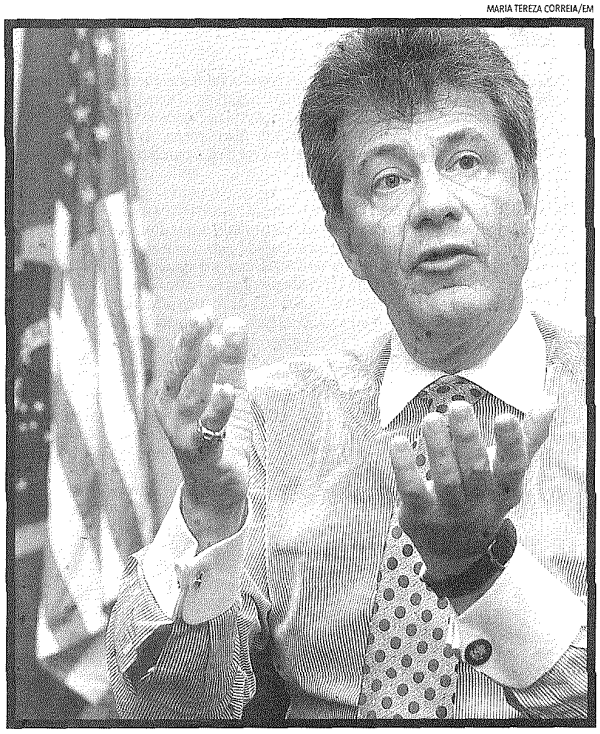
"Sem mercado, nenhum país consegue crescer sozinho"

Reduzir barreiras é um exercício diário

GEÓRGEA CHOUCAIR

Os Estados Unidos deixaram de ser eurocêntricos e passaram a focar a atenção em economias emergentes, como Índia, Brasil e China. Foi assim que o embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Cliffor Sobel, definiu a posição atual do país na relação comercial com outras regiões. Em passagem por Belo Horizonte, onde participou do fórum O Futuro das Organizações, promovido pela Câmara Americana do Comércio (Amcham), ele falou que a falta de tratamento bilateral de impostos causa impacto significativo no fluxo de investimentos entre Brasil e EUA. Em entrevista ao ***Estado de Minas****, Sobel disse que o Brasil é líder na América do Sul e o parceiro global dos americanos. "Temos que reduzir as barreiras ao comércio. É isso que estamos tentando fazer todos os dias. O paradigma do crescimento não pode ser cumprido por um único país", afirmou. Em relação à instabilidade na oferta e demanda do álcool, o embaixador acredita que o efeito seja momentâneo e deva ser resolvido com o aumento do uso do biocombustível em outros países.*

MARIA TEREZA CORREIA/EM



Quais são os principais pontos das relações econômicas Brasil-Estados Unidos que precisam ser desenvolvidos?
É uma hora muito especial de ser embaixador no país. O Brasil tem muitas empresas de classe mundial. Estamos vendo um empreendedorismo partindo dos pequenos empresários. Depois da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos realmente foram eurocêntricos. Hoje, o nosso foco está nas potências emergentes, como Índia, Brasil, China e outros. O Brasil é o líder na América do Sul, o nosso parceiro global. Temos que reduzir as barreiras ao comércio e é isso que estamos tentando fazer todos os dias. O paradigma do crescimento não pode ser cumprido por um único país. Sem mercado, nenhum país consegue crescer sozinho. É um momento empolgante para ser o representante do governo americano no Brasil, em função das inúmeras oportunidades.

Quais são essas oportunidades?
Há muitas oportunidades que podem ser desenvolvidas. Há três semanas, quando tivemos o fórum de empresários brasileiros e americanos em Brasília, os investimentos comerciais foram discutidos. Estou querendo ver mais negócios americanos aqui. Mas também estou querendo ver mais negócios brasileiros nos Estados Unidos, mais investimentos. Hoje, o Brasil investe mais em outras regiões. O nosso trabalho é achar caminhos de reduzir as barreiras de comércio. Acho que há vários tipos de investimentos necessários, não dá para falar só de um. A infraestrutura é muito importante para o Brasil. O desenvolvimento de pesquisas é outra oportunidade, com mais investimento na área científica, colocando mais empresas americanas aqui para fazer parcerias com as universidades. Aqui há escolas com ótimos conceitos e capazes de desenvolver pesquisas e aumentar a taxa de emprego do país.

A bitributação entre os dois países é uma das principais dificuldades que o empresariado brasileiro encontra para a promoção comercial. Há projetos para acabar com isso?
Eu diria diferente. O problema não é específico do Brasil. É o mesmo para as empresas brasileiras e americanas. Esse foi um dos temas discutidos no encontro dos empresários brasileiros e americanos em Brasília. O Brasil e os Estados Unidos têm dado tratamento informal às discussões sobre impostos há anos. No entanto, não têm conseguido chegar a uma conclusão sobre o assunto. Os empresários acreditam que seria mais viável um acordo eliminando o imposto duplo. Um consenso sobre os impostos claramente facilita o comércio, e o capital flui entre as nações. A falta de um tratamento bilateral de impostos impacta de forma significativa o fluxo de investimentos entre o Brasil e os Estados Unidos. Além disso, os empresários reconhecem a importância de um sistema competitivo de impostos com esses países. Os dois países poderiam considerar oportunidades para reduzir o peso das taxas e promover a simplificação das suas atuais estruturas de tributos. Deveriam fazer um esforço para adotar melhores práticas nas políticas que estimulam investimentos, inovação e competição.

Como está o turismo de americanos no Brasil?
Li recentemente em um artigo que 52% dos turistas que visitaram o Brasil de janeiro a agosto deste ano eram americanos. Apesar disso, há poucos americanos que visitam as belas regiões brasileiras menos conhecidas. O governador Aécio Neves está a par dessa situação e está empenhado a trabalhar para atrair esses turistas para Minas Gerais. Eu também estou trabalhando para melhorar essa situação. Belo Horizonte tem um excelente aeroporto e há muitos lugares que seriam atraentes como Ouro Preto, cidade que já visitei três vezes. Tenho conversado com companhias aéreas do meu país e desejo muito abrir mais oportunidades para que os americanos visitem outras partes do Brasil e também facilitar as visitas de brasileiros aos Estados Unidos.

Brasil e EUA são líderes na produção de álcool... Mas a oferta superou a demanda mais cedo do que o previsto. Os preços recebidos pelo setor já não são como no passado. Quais os reflexos dessa situação para os dois países? O que deve ser feito para minimizar os danos?
É necessário cooperação entre o Brasil e os Estados Unidos no campo dos biocombustíveis. Os dois países são parceiros no desenvolvimento dessa nova forma de energia. Essa parceria vai criar muitos investimentos. Os dois não só vão se beneficiar, como beneficiar outros países e o mundo inteiro com a redução das emissões de gases que causam o aquecimento global. Com o tempo, a demanda vai crescer. Acredito que a momentânea instabilidade entre a oferta e a demanda tende a se normalizar. É por isso que os investimentos estão sendo feitos nessa área. As pessoas investem pensando em períodos de longo prazo. E acho que não há dúvidas que, no longo prazo, vamos ver a demanda crescendo. Acredito que muitos países, como Japão, Índia e os da Europa, estão decididos a usar o biocombustível em breve. Veremos mais demanda do que oferta. Ninguém tem bola de cristal para saber como a economia vai caminhar. Mas, certamente, mais países vão usar o biocombustível, em função da parceria do Brasil com os Estados Unidos.

Como está a relação do Brasil com os Estados Unidos na área de produtos agrícolas? Como estão os subsídios aos produtores locais, tão criticados pelos brasileiros?
Os Estados Unidos propuseram nas negociações de Doha reduções significativas nos programas de apoio aos subsídios, além de melhorias significativas de acesso aos mercados para produtos agrícolas. Os Estados Unidos deixaram claro que vão mostrar flexibilidade na agricultura, desde que os outros façam o mesmo em relação a acesso aos mercados.

Muitos exportadores brasileiros estão saindo do mercado americano por causa da concorrência chinesa. Como o veloz crescimento chinês pode influenciar a economia das Américas?
O mercado determina aquilo que vende. Os consumidores avaliam e tomam suas decisões com base no preço e na qualidade. Damos as boas-vindas às importações de fabricantes que operam dentro dos acordos da Organização Mundial de Comércio (OMC) e buscam exportar com base nesses acordos. Nós estamos preocupados que os chineses continuem a não deixar que as condições do mercado determinem a verdadeira taxa de câmbio.

> "Ninguém tem bola de cristal para saber como a economia vai caminhar. Mas certamente mais países vão usar o biocombustível"